

## Prólogo

Entre a Floresta Encantada e o Bosque do Feitiço havia um deserto, cuja travessia demorava quase um dia inteiro. A via de ligação era conhecida por Caminho das Estacas, devido às enormes hastes cravadas no chão a distâncias regulares, tão altas que nunca ficavam cobertas pelas tempestades de areia. Tanto os habitantes de um lugar, como do outro, faziam travessias frequentes e aproveitavam para pernoitar alguns dias, em casa de familiares, no lado oposto da larga extensão de areia.

Embora existisse um pequeno oásis, mais ou menos a meio, os viajantes raramente lá permaneciam muito tempo, devido ao vento que fustigava frequentemente o local.

Tudo decorria em paz e harmonia, até que foi encontrado morto um besouro dourado, trespassado por um longo espinho de *Pereskia Grandifolia*.

## Capítulo 1

Junto à Lagoa Norte, numa abertura entre os salgueiros e os juncos, encontrava-se, com os seus óculos de finos aros metálicos encavalitados na cabeça, um grande sapo velho, de pele malhada em tons de castanho e amarelo. Aproximou-se um pequeno coelho castanho claro, que era branco por baixo e não trazia óculos.

– Bom dia senhor Sapo! – disse o coelhinho.

– Olá meu rapaz, o que te traz aqui?

– Venho beber água, posso? Hoje tenho muita sede!

– Claro. A Lagoa, como tudo aqui na Floresta, é de todos nós! Bebe à vontade. E como te chamas? Não te conheço!

O leporídeo, com as mãos dentro de água, assentes nos seixos que constituíam o fundo da Lagoa, levantou a cabeça, olhando ligeiramente para trás, e respondeu:

– Sou o Tarola!

– Estarola?

– Não, Tarola!

– Mas isso não é um tambor? – perguntou o sapo.

– O Tambor é meu primo, mas vive longe. Eu também vivia, mas agora passei a ser um coelho de importação...

Intrigado, o sapo inquiriu:

– Mas o que é isso, “de importação”?

O coelho esclareceu:

– Trouxeram-me para cá. Não sou uma espécie autóctone aqui da Floresta. Os membros da minha raça estavam extintos por aqui...

O anfíbio interrompeu:

– É verdade, há muito tempo que não via nenhum coelho!

– Sim, apanharam-me a mim, à minha irmã e aos meus pais, mais uns tios e os filhos deles, colocaram-nos em caixas e passados três dias soltaram-nos aqui... mas acho que os meus tios ficaram noutra local, pois não os voltei a ver.

– E gostas de cá estar?

– Claro, senhor Sapo, até já fiz amigos e tudo: o raposinho Felpudo, a marta Fofinha e o ouriço Piquinhos! Estou melhor do que onde vivia antes, mas estou longe do Tambor! ...Quase não vi nada para fora, mas acho que vim de carro, depois de avião e a seguir outra vez de carro. E o senhor, já andou de avião? Eles às vezes passam aqui por cima, já vi quatro.

– És esperto, rapaz. Queres ser meu ajudante? Sou o investigador principal aqui da Floresta. E trata-me por Mister Toad – continuou o sapo – diz-se: “missetâr tâude”.

Confuso, o coelho não se conteve e disse:

– Mas que nome estranho, senhor Missa Tartoude...!

– Eu explico. Sou de origem inglesa, os meus ancestrais viviam, há muitos anos, mesmos muitos, no West End, em Londres, nos quintais de Baker Street. O trisavô do tetravô do meu tetravô conviveu de perto com um grande investigador que lá viveu, talvez o melhor de sempre, e aprendeu muito com ele...

– Não estou a perceber nada.

– Com o tempo vais perceber! Seguiram-se gerações de investigadores na família, até chegar a mim. Não sei como os meus antepassados cá vieram parar, talvez com plantas trazidas de lá ou no baú de algum mágico, mas a verdade é que os meus avós já nasceram aqui na Floresta. Por isso é que tenho este nome. Mister é o mesmo que senhor, portanto não precisas de dizer senhor, mas nunca te refiras a mim apenas como o “Mister”, diz sempre “Mister Toad”, não quero que me confundam com um treinador de futebol. Já percebeste?

De boca aberta e olhos esbugalhados, o coelho articulou:

– Bem... Talvez! Acho que sim...!?

– Agora tenho de ir falar com o Mocho Sábio, que precisa dos meus serviços. Queres vir comigo? Os aposentos dele são no Carvalho Velho.

– Pode ser, mas preciso de avisar a minha família. Calha em caminho. Se o Mister Toad fizer o favor de me acompanhar num pequeno desvio, apresento-lhe os meus pais, ele chama-se Bombo e ela Conga. A minha irmã é a Pandeireta.

– Mas vocês são todos instrumentos de percussão? – comentou Mister Toad e murmurou entredentes: – Preferia que te chamasses *Watson* ou *Lestrade*!

Lá seguiram os dois vultos, lado a lado pelo trilho aberto no arvoredado, cada um ultrapassando o outro, alternadamente, à medida que iam saltando.

## Capítulo 2

**C**hegados à clareira onde o Carvalho Velho ocupava um lugar periférico, o sapo voltou a cabeça para cima e disse bem alto: – MMS! – enquanto continuavam a caminhar em direção à árvore.

O coelhinho interrogou:

– Éme-Éme-Ésse, Mister Toad?

– É assim que o trato. Significa: “Mestre Mocho Sábio”, mas tu trata-lo apenas por Mestre ou Mocho Sábio, nunca uses as duas designações. Isso é só para alguns, percebeste?

O roedor, que começava a não achar graça a tanta esquisitice com os nomes, abanou a cabeça para cima e para baixo, respondendo num tom complacente:

– Sim, Mister Toad. – acrescentando, enquanto deixava perceber no olhar uma expressão de traquinice: –...E não posso tratá-lo por SMS, Senhor Mocho Sábio?

– Não te armes em engraçado, rapaz! – disse o sapo em tom ríspido.

Lá do alto ouviram a voz rouca do Mocho Sábio, que disse:

– Desço já, Mister Toad!

Chegou ao solo em pouco tempo, após uma suave descida de asas abertas. Era um grande mocho-orelhudo, com penas brancas, pretas e castanhas, que também usava óculos, mas tinha-os postos à frente dos olhos.

– Então, quem é este? – perguntou, apontando para o jovem.

– É o Tarola. Está a ajudar-me enquanto o meu auxiliar continuar destacado no Bosque – disse o sapo.

O coelhinho respondeu:

– É um prazer conhecê-lo, Mocho Sábio.

– Iguamente! Vamos ao que interessa: Repare nisto – proferiu, enquanto tirava uma espécie de espeto da sacola que trazia às costas, passando-o para as mãos do sapo – foi encontrado no Oásis!

Mister Toad baixou os óculos da cabeça para os olhos, observou atentamente e comentou:

– É um besouro dourado. Trata-se duma espécie nossa, não existem no Bosque. Mas por acaso tenho visto cada vez menos exemplares desta variedade!

– ...E o espeto é um espinho de rosa-madeira, que encontramos por aqui facilmente – acrescentou o mocho.

– MMS, temos de convocar, com a maior brevidade, uma reunião com os membros da CP e, se for necessário, depois uma RGA – disse o sapo e, dirigindo-se ao coelho, acrescentou: – Antes que te ponhas a fazer perguntas, significa: Camaradagem Permanente e Reunião Geral de Animais!

### Capítulo 3

**N**o dia seguinte, logo pela fresquinha, lá estavam todos, dispostos em círculo ao longo do perímetro da clareira: O cavalo Dado-Não-Se-Olha-O-Dente (a quem todos tratavam apenas por Dado), a mula Teimosa e o burro Que-Nem-Uma-Porta (Porta, para os amigos), constituíam a secção dos equídeos; o caracol Põe-Os-Pauzinhos-Ao-Sol (conhecido pela sigla POPAS) e a lesma Moleza formavam o grupo dos moluscos gastrópodes; o cordeiro Apetitoso, a ovelha Ronhosa e o bode Expiatório representavam os ovinos e caprinos; o boi Manso, o bezerro Tenrinho e a vaca Leiteira não eram familiares e constituíam o grupo dos bovinos; o rato De-Automóveis (Móveis para os amigos) e a toupeira Ceguinha eram os roedores e insetívoros; o macaco Caco (que na realidade era um gibão com um sentido de humor peculiar, pois não se importava que lhe chamassem macaco e quando lhe diziam que o seu nome era uma cacofonia, ele respondia afirmando ser antes uma macacofonia) e o gorila Larila (que sempre negou ser cacofónico) eram os símios que representavam a ordem dos primatas; o gato Bravo e a pantera Rosa pertenciam ao grupo dos felinos; a cobra Dum-Raio e a salamandra Pintas ocupavam os lugares reservados aos répteis e anfíbios; o lobo Mau e a raposa Matreira eram os canídeos presentes; o porco Asseadinho (que todos tratavam por Asse) e a porca Limpinha (Pinha, como ela gostava que lhe chamassem) estavam, naturalmente, no lugar dos suínos; e por fim as aves, cuja classe taxonómica incluía o maior número de exemplares da Floresta, estavam representadas pelo corvo **Negrilo**, pela pata Choca, pela galinha Poedeira e pelo papagaio Fala-Barato.

Uns de pé e outros sentados, alguns em cima de pedras ou troncos, outros no chão, todos ficavam com os olhos sensivelmente à mesma altura, até a toupeira, que para além de nada ver, usava uns óculos grossos com lentes negras, que impediam os restantes de lhe verem os olhos ou o que estivesse no lugar deles. O círculo era fechado por uma espécie de tribuna, feita com troncos de árvores, onde se encontravam o Mocho Sábio, Mister Toad e o coelho Tarola.

O Mocho Sábio deu início à sessão:

– Amigos, calculo que já saibam, ou pelo menos algum representante dos equinos aqui presentes, já o deve saber, que a zebra Riscas foi, com alguns amigos, passar uns dias ao Bosque do Feitiço e, no regresso, quando fez a pausa habitual no Oásis, encontrou um pequeno besouro dourado morto, com um espeto a atravessá-lo. Apanhou-o e quando chegou aqui à Floresta Encantada, entregou-mo. Aqui está – e tirou o espeto da sacola para que todos o vissem.

Ouviram-se murmúrios de indignação durante algum tempo.

Continuando, o Mocho disse:

– O problema é grave, primeiro, porque o besouro dourado é uma espécie nossa (como sabem, eles não existem no Bosque) e está praticamente extinto, depois, mesmo que não se tratasse duma variedade autóctone, nenhum animal da Floresta pode tirar a vida a outro, de uma forma

que implique sofrimento prolongado da vítima. Só para comer é permitido matar, mas isso terá de ser feito rapidamente e cumprindo as restrições em vigor. Embora existam insetos comestíveis, os insetívoros têm a dieta limitada e sabem que há espécies protegidas nas quais não podem tocar, como é o caso dos besouros dourados. Recordo que quase todos temos uma dieta especial, até os carnívoros que aqui vivem se estão gradualmente a tornar vegetarianos... ou passaram a comer apenas pequenos roedores e os peixes dos riachos e das lagoas, que ainda é permitido caçar, por isso é que a nossa Floresta é Encantada, tal como o Bosque é do Feitiço e regem-se pelas mesmas regras!...

O caracol Popas interrompeu:

– É preciso ver se há mais besouros mortos!

– Vamos tratar disso – respondeu Mister Toad – e procurar a planta, uma rosa-madeira, para ver se há sinais de espinhos arrancados.

O bode Expiatório lembrou:

– Talvez fosse bom ir ao Oásis procurar outros vestígios!

– Sim! – disse a vaca Leiteira – Até pode haver pistas deixadas no Bosque, que nos forneçam dados.

– E sabe-se se foi à ida ou à vinda? – perguntou o gorila Larila, com a sua voz cavernosa – Talvez o autor desta atrocidade ainda não tenha regressado e esteja no Bosque.

A cobra Dum-Raio admitiu:

– Até pode ter sido um animal do Bosque que veio cá fazer esse serviço e deixou cair o besouro no regresso!

– Todas as hipóteses são para analisar, por isso é que nos reunimos – acrescentou o Mocho Sábio – é necessário começarmos a investigar.

– Devíamos começar pelo Bosque à procura de pistas! – sugeriu o papagaio Fala-Barato.

O gato Bravo disse:

– O culpado, ou culpados, deve ser severamente punido!

O debate continuou durante algum tempo, com inúmeras sugestões de atuação, vindas de todos os elementos.

Mocho Sábio concluiu:

– Antes de avançarmos para uma expedição ao Bosque, proponho que o corvo **Negrilo** voe até ao Oásis e nos faça um relatório do que lá encontrar. Acho que consegue ir e voltar ainda hoje. Depois, logo veremos como agir. Entretanto, peço ao cavalo Dado, à mula Teimosa e ao burro Porta que conversem com a zebra Riscas para tentarem saber mais detalhes. O lobo Mau, a raposa Matreira e os suínos Asse e Pinha irão examinar todas as "*Pereskia Grandifolia*" e procurar sinais de espinhos arrancados. Amanhã apesentam-me os relatórios e, se for necessário, voltamos a reunir-nos. Alguém se opõe?

Todos concordaram.

#### Capítulo 4

**A** meio da tarde, após regressar, o corvo **Negrilo** encontrou-se com o Mocho Sábio, que estava acompanhado por Tarola e Mister Toad. Trouxe vários espinhos pretos e castanhos, característicos da rosa-madeira e ainda alguns pedaços das folhas desta planta, que apanhou na margem da lagoa do Oásis, já do lado da saída para o Bosque. Disse ter visto, no chão, aquilo que lhe pareceram cascas avermelhadas de qualquer fruto seco.

– O besouro dourado muda o padrão das cores, conforme o estado o estado de excitação – recordou Mister Toad – portanto, essas cascas, talvez fossem os élitros, as asas rígidas exteriores.

– Sim, talvez fossem as asas, – disse o corvo – agora que me fala disso..., eram curvas ligeiramente esféricas e não tinham todas o mesmo tom, algumas eram alaranjadas.

– Este besouro muda o tom entre o dourado e o vermelho vivo... laranja está por aí – rematou Mister Toad.

– Obrigado, **Negrilo!** – disse o Mocho Sábio – se voltarmos a precisar dos seus serviços, dizemos. Agora vá repousar. Até breve!

– Bem, Tarola, – disse Mister Toad – temos de lá ir. Vamos tentar fazê-lo amanhã logo cedinho, dizes à tua mãe que te prepare um farnel e trazes um boné. Tens boné?

– Claro, Mister Toad... e gorro, boina, capuz, barrete. Tenho um chapéu para cada ocasião: quando está frio, sol, vento, chuva... para quando vamos sair e para quando não vamos. Até tenho uma touca para o banho, que raramente tomo, pois os coelhos quase não precisam disso, mas a minha mãe é uma verdadeira galinha, preocupa-se demais com essas coisas – respondeu o coelho deixando transparecer um misto de enfado e resignação, enquanto encolhia os ombros e inclinava ligeiramente as orelhas para trás. – E posso levar os óculos de sol?

– Traz tudo o que quiseres para uma caminhada na areia ao sol, desde que consigas andar com o peso... Encontramo-nos aqui assim que começar a clarear. Pode ser? Agora fica com o resto do dia para ti. Quando fores ter com os teus amigos pergunta à mãe do Felpudo se encontrou vestígios de espinhos arrancados!

Tarola respondeu:

– Está bem. Venho cá ter ao raiar da aurora. Até amanhã!

Pontualmente, mal o dia nasceu, Tarola, equipado com boné, ténis, mochila e óculos de sol apresentou-se junto ao Carvalho Velho, onde já se encontravam o Mocho Sábio e Mister Toad, que lhe perguntou: – Já estás pronto e tomaste o pequeno almoço?

– Sim, e lavei-me, dentes e tudo, levantei-me cedo! – respondeu o coelhinho.

– Então vamos. Até logo MMS!

– Adeus, Mocho Sábio – despediu-se Tarola.

– Vão em paz e tragam todas as pistas que encontrarem.

## Capítulo 5

**D**urante o trajeto, o sapo foi informando o coelho do resultado das investigações feitas pelos membros da CP. Disse-lhe que as folhas da rosa-madeira são comestíveis e portanto, os restos que o corvo **Negrilo** encontrou no Oásis, podiam ser apenas mantimentos que algum animal teria levado para comer no caminho. O facto de haver espinhos arrancados também poderia não trazer qualquer pista para este caso, pois, para arrancar as folhas devia ser necessário retirar os espinhos.

– É verdade...! – lembrou-se Tarola – A raposa Matreira disse que encontraram imensos espinhos no chão, à volta dos catos, uns partidos e outros inteiros, mas nenhum com besouros.

– Bem, até agora só sabemos de um besouro trespassado – acrescentou Mister Toad – as cascas que o **Negrilo** referiu podiam ser mesmo só cascas...

– Podiam, embora eu desconfie que ainda há muito para descobrir nesta história, Mister Toad.

– Sim, deve haver, mas mesmo existindo muitos coleópteros diferentes, que às vezes até se tornam numa praga, e esses até podem ser comidos, os besouros dourados são uma espécie protegida. Depois, quando regressarmos, temos de ir ver as colónias deles, para analisarmos como estão as coisas por lá, se há ovos, larvas e pupas em número suficiente e se os adultos estão na proporção correspondente, ou se os andam a exterminar.

– Ainda falta muito, Mister Toad? Isto de andar na areia é uma canseira!

– Vês ali ao fundo? Já se vislumbra o arvoredo do Oásis, falta pouco.

Chegaram ao Oásis e dirigiram-se à lagoa. Pararam junto ao Grande Rochedo, que nos dias de vento constituía um abrigo, e poisaram a bagagem. Mister Toad tirou os óculos de sol, que usara durante o trajeto, baixou os graduados da cabeça para os olhos e começaram as buscas, remexendo nas inúmeras folhas e ramos secos que havia pelo chão.

– Olha, aqui está o primeiro sinal do que o **Negrilo** viu! – disse o sapo, enquanto apanhava alguns espinhos.

– ...E cá estão os restos das folhas carnudas da planta, – continuou Tarola – todas com marcas de terem sido cortadas com os dentes. Não percebo é por que motivo ficaram tantos bocados.

– Nem eu. Isto é um desperdício de comida. Está aqui quase meia folha com a marca do corte feita pelos dentes e tem vestígios de uma dentada mais adiante, mas que não a cortou.

– Deixe-me ver, Mister Toad, se calhar não lhe cabia na boca e acabou por morder mais atrás.

– Toma! – e passou-lha para as mãos, enquanto continuava a procurar outros vestígios no chão.

Ao observar atentamente a folha, Tarola descobriu um pormenor interessante, para o qual chamou a atenção do sapo:

– Repare aqui, um dos dentes deixou uma marca diferente, parece que do lado direito, em cima, tinha dois caninos... ou coisa parecida.

– Mostra-me – disse o sapo, enquanto reparava bem na folha, franzia o sobrolho e ajustava os óculos – isto parece-me uma dentada de macaco cinocéfaló, ou seja, daqueles que têm o focinho parecido com o dos canídeos, trata-se dum babuíno se for da Floresta ou dum mandril, se pertencer ao Bosque. Todas as espécies deixam marcas características e exclusivas, os dentes estão dispostos em arcos diferentes e as mandíbulas são distintas de uma espécie para outra. Até dentro da mesma espécie é possível identificar um indivíduo pelos dentes, mas acho que aqui não precisamos de ir tão longe. Nesta, que foi uma dentada de boca cheia, mas que não cortou a folha, até temos as marcas do maxilar inferior, aqui do lado oposto da folha – e voltou-a para mostrar ao coelho.

– Pois, foi mesmo uma dentada de boca cheia, as marcas dos dentes chegam aos molares, mas observe o outro lado, Mister Toad, há lá qualquer coisa fora do normal.

– Sim, é muito interessante. Um dos incisivos está partido e deixa uma marca em bico. Vou partir a folha pela dentada e podemos ver as duas metades que constituem o molde quase completo do dente. Não vai ser fácil, porque as marcas dos caninos, tanto de baixo como de cima, furaram a folha de um lado ao outro. Tenho de o fazer com jeito, arqueando-a de maneira a que se parta só pelos cortes dos dentes, passando pelos furos dos caninos.

Assim fez, foi dobrando lentamente a folha pelo arco da dentada, pressionando-a por baixo e afastando os dois lados de cada corte dos dentes de cima, até que a separou em duas partes.

– Já está!

– Deixe-me ver, Mister Toad!

– Toma, observa essa parte, enquanto eu vejo esta! Temos aqui as marcas dos dentes de cima e dos de baixo. A dentada não cortou a folha por pouco!

Tarola comentou:

– O bocado que falta ao incisivo tem a forma de um triângulo!

Mister Toad acrescentou:

– O autor da dentada tem um sorriso com uma falha num dos incisivos centrais. Vai ser fácil de identificar, mas não sabemos se foi o mesmo que trespassou o besouro. Guardamos estas evidências e vamos continuar a busca de mais indícios.

Continuaram a revolver os restos que havia no solo, até que Tarola achou os élitros que **Negrilo** referira.

– Aqui estão as asas exteriores e até há algumas douradas.

– É o que eu receava – acrescentou o sapo. – Foram muitos besouros sacrificados, guardamos também estas pistas.

– Aqui! Aqui! – gritou Tarola – um espinho ainda com metade de um besouro!

– Está ligeiramente esmagado no local do corte – disse Mister Toad, enquanto observava o achado – mas aposto que foi à dentada. Repara, nesta zona mais deformada foi cortado por dentes, mas na metade direita percebe-se que há uma parte, menos amassada, que foi puxada, provavelmente, porque o dente de baixo não encostou ao de cima. Sabes o que isto quer dizer?

Tarola deu uma resposta desconcertante:

– Que ele é pouco esperto, pois bem podia morder com os dentes do lado.

– ...E deve tê-lo feito com outros besouros, mas com este não. Devia estar a comer em pequenos pedaços, para saborear o pitéu, e os incisivos centrais são os mais adequados para isso, pois a língua ajuda a dimensionar a porção – concluiu o sapo.

– Já podemos lanchar, Mister Toad? – perguntou o coelho.

– Sim e depois regressamos, Tarola, já analisámos as pistas *in-loco*!

– Também acho que é preciso ser louco para fazer isto – disse o coelho.

– Não sejas tonto, rapaz. *In-Loce* é uma locução latina que significa “no local”. É o mesmo que *in-situ* (no sítio), não tem nada a ver com loucuras!

– Está bem, Mister Toad. É servido do meu lanche?

– Não, obrigado. Se quiseres provar o meu, serve-te.

Comeram, guardaram as sobras, regressaram à Floresta e marcaram encontro para o dia seguinte.

## Capítulo 6

**D**epois de uma noite repousada, foram mostrar as pistas ao Mocho Sábio e puseram-no a par das deduções que tinham feito. Estavam confirmadas as suspeitas e já havia poucas dúvidas. Tanto no achado da zebra Riscas, como na metade que encontraram no Oásis, o espinho estava cravado entre os élitros, numa zona fácil de perfurar. A técnica era, portanto, a mesma. Foram vários os besouros exterminados, que tinham sido apanhados para servirem de alimento a algum animal. Agora restava apanhá-lo e, para isso, ele teria de ser devidamente identificado e depois observado discretamente até não haver dúvidas.

Dirigindo-se ao Mocho Sábio, o sapo perguntou:

– Quem é o serviçal que está hoje à sua disposição?

– O pombo Vai-Vem! – respondeu o mocho-orelhudo.

– Calha bem, porque é rápido. Peça-lhe que faça o favor de localizar o macaco Caco e o gorila Larila e que lhes diga para comparecerem aqui com a maior brevidade.

Mocho Sábio deu a ordem e ficaram a aguardar.

Pouco depois chegaram os dois símios ao Carvalho Velho.

Após os cumprimentos e antes de qualquer explicação, Mister Toad perguntou aos recém-chegados:

– Conhecem algum primata com um dente partido?

Numa estereofonia estranhamente desequilibrada, devido à voz exageradamente grave do gorila, responderam os dois em coro:

– **O macaco Malandro!**

– Bingo! – exclamou o sapo.

Confuso, Tarola perguntou:

– Bingo é outro macaco?

Depois da gargalhada geral, o mocho explicou:

– “Bingo!” é uma interjeição de aplauso, de quando se acerta em qualquer coisa, derivada da exclamação ruidosa do jogo do bingo, para indicar que se preencheu uma linha.

– Pois... sim, eu acho que sabia – disse o coelho, disfarçando o embaraço.

Seguiu-se o relato dos achados no Oásis, feito por Mister Toad, com a preciosa ajuda de Tarola, que enriqueceu os detalhes.

– Ele está no Bosque, foi para lá há dias e só deve voltar amanhã – disse o gorila.

– Então, amanhã de tarde reunimos aqui, nós os cinco mais o porco Asse e a porca Pinha, o bode Expiatório e o bezerro Tenrinho, para nomearmos a comissão *ad-hoc*, que irá vigiar as ações do macaco Malandro junto às plantas da rosa-madeira – disse Mister Toad – Convém sermos de espécies diferentes para não levantar suspeitas. Pode ser?

Antes que qualquer um dos outros pronunciasse uma palavra, Tarola perguntou:

– Ad-hoc não é à balda?

– Hoje estás imparável, rapaz – disse o sapo – *ad-hoc* significa: propositadamente para isto e não atabalhoadamente ou à toa. Designa alguém ou um grupo nomeado para exercer ou cumprir determinada missão, função ou tarefa!

– Pois é, distraí-me, eu sabia mas não me lembrava! – respondeu o coelho.

– Todos de acordo? – Perguntou o mocho.

Os símios responderam ao mesmo tempo, mas desta vez a estereofonia ainda foi mais estranha, pois o gorila disse apenas “Sim!” e o gibão pronunciou a palavra “Claro!”.

Nessa tarde, Tarola e Mister Toad foram fazer o levantamento do número de efetivos nas colónias de besouros dourados e constataram que os adultos realmente escasseavam.

---

No dia seguinte, depois de nomeada a comissão, os seus elementos foram distribuídos pelas zonas onde se localizavam as plantas da rosa-madeira, ficando de vigia às mesmas. Tinham instruções para manter a discricção e seguir o macaco Malandro após a colheita dos espinhos.

Foi o porco Asse quem primeiro avistou o babuíno, na margem direita do Ribeiro Serpenteante, quando aquele se dirigiu à planta para arrancar vários espinhos e algumas folhas. Enquanto as saboreava, o símio sentou-se e o porco Asse aproveitou a oportunidade para dar uma corrida até à *pereskia grandifolia* seguinte, atravessando a Ponte Reta, para chamar o bezerro Tenrinho, que tinha o seu posto de vigia na outra margem do ribeiro.

Seguiram o macaco e quando perceberam para que colónia de besouros se dirigia, o bezerro foi, tão depressa quanto possível, chamar os restantes elementos da comissão, dispersos pelas várias plantas da rosa-madeira, enquanto o porco ficou sozinho a vigiar o macaco, que já descobrira vários besouros dourados nas folhas de um arbusto.

Entretanto chegou o bode Expiatório, que se colocou ao lado do porco.

Antes que os restantes voltassem, Asse e Expiatório aperceberam-se da técnica usada pelo macaco Malandro para apanhar as vítimas. Conseguiu apanhar três no mesmo espeto, agindo com uma rapidez impressionante. Segurava o espinho com três dedos da mão, apontado à vítima e muito próximo desta, a seguir dava um sopro forte direto por cima, que impedia o besouro de levantar voo imediatamente. No momento em que começa a abrir os élitros, cravava o espinho entre eles. Repetiu esta operação mais duas vezes, enquanto o primeiro coleóptero ainda esperneava.

Felizmente chegaram os restantes elementos da comissão e o macaco foi detido.

## Epílogo

**T**arola contava aos amigos a sua primeira aventura com Mister Toad. Encontravam-se todos sentados à sombra das bétulas, na margem direita do Regato Sinuoso, mesmo junto à Passagem das Pedras de Jusante. Este caminho ligava as duas margens com uma série de pequenos blocos de granito claro polido, de secção hexagonal, cravados no leito do regato, distanciados entre si o espaço correspondente a um pequeno salto e dispostos com se tivessem sido colocados nos vértices de uma linha em ziguezague.

Enquanto ouviam o relato do coelho, observavam os pequenos peixes que saltavam da água e frequentemente caíam numa das pedras, lisas por cima, que constituíam a passagem, voltando de imediato ao elemento líquido. Era um divertimento para estes juvenis, que faziam de semelhante atividade uma espécie de concurso, livres do controlo dos progenitores, que não se aventuravam nas águas tão pouco profundas do regato.

O castor Dentinhos, que parecia estar concentrado apenas na contagem dos peixes, perguntou:

– ...E apanharam-no em flagrante?

– Sim! – respondeu Tarola – O porco Asse o bode Expiatório viram-no apanhar vários besouros...

– Como é que os apanhava? – perguntou a pombinha Alva.

– Espetava o espinho entre as asas, quando o besouro ia começar a voar.

A marta Fofinha quis saber:

– E agora o que vai ser dele?

– Vai exilado para o Bosque, mas só por dois anos – respondeu Tarola –, depois volta e, durante mais dois anos, terá de preparar as folhas mais suculentas para alimentar os besouros dourados.

– E mandaram-no para lá sozinho? – perguntou o ouriço Piquinhos.

Antes que Tarola respondesse, o raposinho Felpudo adiantou-se:

– Não! Foi escoltado pela minha mãe e pelo lobo Mau e entregaram-no às autoridades, que o irão vigiar durante os dois anos. O orangotango Tango e o chimpanzé Banzé, que são os representantes dos símios no Bosque, ficam responsáveis por ele.

O esquilininho Cauda-Grossa perguntou:

– E quando voltar, ele não irá querer de novo comer os besouros?

A resposta veio de Tarola:

– No Bosque, ele vai ter uma dieta que inclui bichos de conta, que são mais estaladiços, por serem crustáceos, e, segundo o próprio macaco Malandro, que entretanto os provou, mais saborosos. Como eles existem tanto na Floresta, como no Bosque e não são espécie protegida, não deverá haver problema.

Após uma pequena pausa, Tarola sugeriu:

– Bem, vamos mas é brincar às escondidas. As aves já sabem que voar é batota e ninguém pode ir para o lado de lá do Regato. Eu fico a contar!

Antes de começar a brincadeira, o corvinho **Escurito** fez a reflexão final:

*- Presta atenção à comida, o que deixares cair pode denunciar-te.*